

A woman in a long, flowing pink dress stands in a formal garden, seen from behind. In the foreground, the back of a man wearing a black top hat and a dark suit is visible. The garden features manicured hedges and a path leading into the distance under a blue sky with clouds.

A ROSA DA MEIA-NOITE

Uma paixão para a vida toda. Uma procura sem fim.

DA AUTORA BEST-SELLER

LUCINDA RILEY



A
ROSA DA
MEIA-NOITE

LUCINDA RILEY

A
ROSA DA
MEIA-NOITE

Tradução:

Elaine Cristina Albino de Oliveira



Copyright © 2013 Lucinda Riley
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito
Impressão e Acabamento Prol Editora e Gráfica 190314

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riley, Lucinda

A rosa da meia-noite / Lucinda Riley ; tradução Elaine Cristina Albino De Oliveira. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The midnight rose.

ISBN 978-85-8163-421-0

1. Ficção inglesa I. Título.

14-01711

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Leonora.



*Deixe meus pensamentos chegarem
até você, quando eu partir,
como o arrebol do pôr do sol à margem
de um silêncio estrelado.*

RABINDRANATH TAGORE

Darjeeling, Índia

Fevereiro de 2000



PRÓLOGO

Anahita

Completo cem anos de idade hoje. Não apenas consegui sobreviver por um século como vi nascer um novo milênio.

Enquanto a alvorada irrompe no horizonte, e o sol começa a se erguer sobre o monte Kanchenjunga através de minha janela, me deito sobre os travesseiros e, sozinha, rio de um pensamento ridículo. Se eu fosse uma mobília, uma cadeira elegante, por exemplo, seria rotulada como antiguidade. Seria polida, restaurada e orgulhosamente colocada em exibição como um objeto de beleza. Infelizmente, esse não é o caso de meu corpo, que não envelheceu como uma bela peça de mogno. Em vez disso, meu corpo se deteriorou como um flácido saco de juta comportando um conjunto de ossos.

Qualquer “beleza” que possa ser considerada valiosa em mim se esconde profundamente em minha essência. É a sabedoria de cem anos vividos nesse mundo, e um coração que tem batido em um cadenciado acompanhamento para todos os imagináveis comportamentos e emoções humanos.

Há cem anos, neste mesmo dia, como de costume entre os indianos, meus pais consultaram um astrólogo para que este lhes dissesse sobre o futuro de sua filha recém-nascida. Acredito que ainda tenha as previsões que o adivinho fez sobre meu futuro entre os poucos pertences de minha mãe que guardei. Eu me lembro deles dizendo que eu teria uma vida longa, mas em 1900, acredito, meus pais imaginaram que isso significava que, com a bênção dos deuses, eu chegaria aos cinquenta anos.

Ouço uma batida suave na porta. É Keva, minha fiel criada, trazendo uma bandeja com chá inglês e uma jarra de leite frio. Tomar chá ao modo inglês é um hábito que nunca consegui largar, mesmo tendo vivido na Índia, em Darjeeling, nos últimos setenta e oito anos.

Não respondo à batida na porta de Keva, preferindo ficar sozinha com meus pensamentos um pouco mais nesta manhã especial. Certamente, Keva quer conversar sobre os eventos do dia, ansiosa para me ajudar a levantar e a me vestir antes de minha família começar a chegar.

Quando o sol começa a queimar as nuvens que escondem o topo coberto de neve das montanhas, busco no céu azul a resposta que suplico todas as manhãs nestes setenta e oito anos.

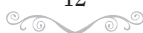
Hoje, por favor, imploro aos deuses, pois eu sempre soube, a cada hora que passa desde que vi meu filho pela última vez, que ele ainda respira em algum lugar deste planeta. Se ele tivesse morrido, eu teria sabido no exato momento em que isso aconteceu, do mesmo modo que soube quando todos aqueles que amei na vida se foram.

Lágrimas enchem meus olhos, e eu me viro para o criado-mudo ao lado da cama para estudar a única fotografia que tenho dele, um querubim de dois anos de idade, sorrindo, sentado sobre meus joelhos. Foi minha amiga Indira quem me deu essa foto, junto com sua certidão de óbito, algumas semanas depois de eu ter sido informada da morte de meu filho.

Uma vida se passou, acho. A verdade é que meu filho agora é um homem velho também. Ele celebrará seu octogésimo primeiro aniversário em outubro deste ano. Mas, mesmo com os poderes da *minha* imaginação, é impossível para mim enxergá-lo assim.

Desvio o olhar com determinação para longe da imagem dele, sabendo que hoje mereço desfrutar da celebração que minha família planejou para mim. Mas, de algum modo, em todas essas ocasiões, ao ver minha filha, netos e bisnetos, a ausência de meu filho apenas alimenta a dor em meu coração, me lembrando sempre de sua falta.

Claro que minha família acredita, como sempre acreditou, que meu filho morreu setenta e oito anos atrás.



— *Maaji*¹, veja, você tem até a certidão de óbito dele! Deixe-o descansar — minha filha Muna diria com um suspiro. — Desfrute da família viva que você tem.

Depois de todos esses anos, entendo que Muna se frustra comigo. E ela, claro, tem razões para ficar assim. Ela quer ser o suficiente, apenas ela. Mas a perda de um filho é algo que não poderá jamais ser compensado no coração de uma mãe.

E, por hoje, minha filha terá seu desejo realizado. Eu me sentarei em minha cadeira e desfrutarei da dinastia que gerei. Não vou aborrecê-los com minhas histórias sobre a Índia. Quando chegarem em seus jipes ocidentais, com seus filhos brincando com seus dispositivos a bateria, não vou lembrá-los de que Indira e eu subimos a cavalo os montes íngremes ao redor de Darjeeling, que eletricidade e água encanada eram raridades no passado, ou da voracidade com que lia qualquer livro esfarrapado que caísse em minhas mãos. Os jovens ficam irritados com histórias do passado; eles preferem viver apenas o presente, assim como eu fazia quando tinha a mesma idade.

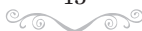
Posso imaginar que a maior parte de minha família não esteja ansiosa por atravessar a Índia para visitar sua bisavó em seu aniversário de cem anos, mas eu talvez esteja sendo dura com eles. Tenho pensado muito, nos últimos anos, sobre o porquê de os jovens ficarem desconfortáveis na presença de velhos; tantas coisas úteis e necessárias eles poderiam aprender conosco. Cheguei à conclusão de que tal desconforto é proveniente do fato de que, na presença de nosso físico frágil, eles se conscientizam do que o futuro representa para eles. Eles podem enxergar, no brilho de seu pleno vigor e beleza, que também entrarão em declínio um dia. Eles não sabem o que irão adquirir.

Como poderiam enxergar o que há dentro de nós? Compreender como nossas almas crescem uma vez que sua impetuosidade é domada e seus pensamentos egoístas são ofuscados pela experiência de tantos anos?

Mas aceito que a natureza seja assim, em toda a sua complexidade gloriosa. Deixei de questionar.

Quando Keva bate à porta pela segunda vez, eu a deixo entrar. Enquanto ela fala comigo em um hindi apressado, tomo meu chá e relembro

1. Do hindi, mãe. (N.T.)



os nomes de meus quatro netos e onze bisnetos. Aos cem anos de idade, desejo ao menos provar que minha mente ainda funciona perfeitamente.

Os quatro netos que minha filha me deu cresceram; tornaram-se pais amorosos e bem-sucedidos. Eles desabrocharam em um mundo novo trazido à Índia depois da independência do domínio britânico, e seus filhos foram ainda mais além. Ao menos seis deles, pelo que me lembro, abriram seus próprios negócios ou fizeram carreira. De um modo egoísta, eu gostaria de que um de meus descendentes tivesse interesse na medicina, tivesse seguido meus passos, mas sei que não é possível ter tudo.

Enquanto Keva me ajuda a ir ao banheiro para me lavar, penso que minha família tem uma mistura de sorte, inteligência e relações familiares a seu lado. Penso também que minha amada Índia provavelmente ainda precise de outro século antes que os milhões que passam fome nas ruas ganhem o mínimo para suas necessidades humanas básicas. Fiz o melhor que pude para ajudar ao longo dos anos, mas percebo que meus esforços foram mera ondulação contra uma maré estrondosa de pobreza e privação.

Sentada pacientemente enquanto Keva me veste em um sari novo, presente de aniversário de minha filha Muna, decido que não refletirei sobre esses pensamentos angustiantes hoje. Tentei, como pude, melhorar aquelas vidas que cruzaram a minha, e preciso ficar contente com isso.

— A senhora está linda, Madame Chavan.

Quando vejo meu reflexo no espelho, sei que ela está mentindo, mas eu a amo por isso. Meus dedos buscam as pérolas que repousam em volta de meu pescoço há quase oitenta anos. Em meu testamento, deixei-as para Muna.

— Sua filha chega às onze horas, e o resto da família chega uma hora depois. Onde devo deixar a senhora até eles chegarem?

Sorrio para ela, me sentindo como uma cadeira de mogno.

— Você pode me deixar na janela. Quero olhar minhas montanhas — digo. Ela me ajuda a levantar, me guia gentilmente até a poltrona e me senta.

— Posso lhe trazer mais alguma coisa, madame?

— Não. Pode ir para a cozinha e se certifique de que nosso cozinheiro tem o cardápio do almoço sob controle.



— Sim, senhora. — Ela remove meu sino do criado mudo e o coloca na mesa a meu lado antes de deixar o quarto, em silêncio.

Viro meu rosto para a luz do sol, que começa a entrar pelas grandes janelas de meu bangalô, localizado no alto de uma colina. Enquanto me deleito feito um gato com seu calor, lembro-me de amigos que já partiram e não estarão comigo hoje para a celebração.

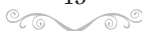
Indira, minha mais amada amiga, faleceu há quinze anos. Confesso que aquele foi um dos poucos momentos de minha vida em que perdi a razão e chorei incontrolavelmente. Mesmo minha filha, dedicada como é, não seria capaz de igualar o amor e a amizade que Indira me ofereceu. Egocêntrica e caprichosa até o último momento, Indira esteve a meu lado quando mais precisei.

Olho para a escrivanhinha, localizada em um nicho do outro lado do quarto, e não consigo evitar pensar no que está escondido na gaveta trancada. É uma carta com mais de trezentas páginas. Foi escrita para meu amado filho e conta a história de minha vida desde o início. Ao longo dos anos, comecei a me preocupar em esquecer os detalhes, para que eles ficassem borrados e granulados em minha mente, como as imagens de um filme mudo em preto e branco. Se, como eu ainda acredito, meu filho estiver vivo e for devolvido a mim, quero ser capaz de presenteá-lo com a história de sua mãe e de seu amor eterno pelo filho perdido. E os motivos que a obrigaram a deixá-lo para trás...

Comecei a escrever quando ainda estava na meia-idade, acreditando então que poderia ser levada a qualquer momento. E lá a carta ficou, por quase cinquenta anos, intocada e não lida, porque ele nunca veio a meu encontro e eu ainda não o encontrei.

Nem mesmo minha filha conhece a história de minha vida antes de sua chegada a este mundo. Às vezes me sinto culpada por nunca ter revelado a ela a verdade. Mas acredito que seja suficiente o fato de ela ter conhecido meu amor, enquanto este foi negado a seu irmão.

Olho para a escrivanhinha e imagino a pilha de papéis amarelados dentro dela. Peço aos deuses que me guiem. Ficaria horrorizada se eles caíssem



em mãos erradas quando eu morrer, o que certamente deve acontecer logo. Pondero por alguns segundos se devo acender uma fogueira e pedir a Keva que coloque os papéis nela. Mas não, balanço a cabeça instintivamente. Ainda há esperança. Afinal, já vivi cem anos; posso viver cento e dez.

Mas a quem devo confiá-los, enquanto isso, em caso de...?

Mentalmente examino os membros de minha família, geração por geração. A cada nome, espero ouvir uma orientação. E é no nome de um de meus bisnetos que pauso.

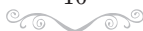
Ari Malik, o filho mais velho de meu neto mais velho, Vivek. Solto uma risada leve com o arrepio que sinto na espinha — o sinal que esperava lá de cima, daqueles que compreendem muito mais do eu. Ari, o único membro de minha família a ter sido abençoado com olhos azuis — além de meu amado filho perdido.

Concentro-me em relembra-los os detalhes; com onze bisnetos, me conforta saber de que pessoas com a metade da idade que tenho também têm dificuldade para se lembrar. Além disso, meus bisnetos estão espalhados por toda a Índia e eu raramente os vejo.

Vivek, pai de Ari, é o mais bem-sucedido financeiramente entre meus netos. Ele sempre foi inteligente, ainda que um pouco enfadonho. Ele é engenheiro e já ganhou o suficiente para dar uma vida bem confortável para sua esposa e os três filhos. Se me lembro corretamente, Ari estudou na Inglaterra. Ele sempre teve um quê de brilhantismo, apesar de muita coisa que fez depois de deixar a escola não me vir à memória. Hoje, decidido, vou descobrir. E tenho certeza de que saberei se meu instinto está certo.

Com isso decidido, sentindo-me mais calma agora que a solução para meu dilema está ao alcance de minhas mãos, fecho os olhos e permito-me cochilar um pouco.

— Onde ele está?! — Samina Malik cochicha com seu marido. — Ele prometeu que não se atrasaria — ela acrescentou, enquanto escrutinava os outros membros presentes da família de Anahita. Eles se aglomeravam ao



redor da velha senhora, na elegante sala de estar de seu bangalô, cobrindo-a com presentes e elogios.

— Não entre em pânico, Samina — Vivek confortou sua esposa. — Nosso filho logo estará aqui.

— Ari disse que nos encontraria na estação para subirmos a colina juntos, como uma família, às dez horas... Eu juro, Vivek, aquele menino não tem respeito por sua família, eu...

— Silêncio, *pyari*², ele é um rapaz ocupado e um bom menino, também.

— Você acha? Não tenho certeza. Toda vez que telefono para seu apartamento, uma mulher diferente atende. Você sabe como Mumbai é; cheia de mulheres levianas e vigaristas — ela sussurrou, não desejando que qualquer outro membro da família ouvisse sua conversa.

— Acho. Nosso filho tem vinte e cinco anos agora e é dono do próprio negócio. Ele pode tomar conta de si mesmo — Vivek respondeu.

— Os empregados estão esperando ele chegar para trazerem o champanhe e fazer o brinde. Keva está preocupada com sua avó, que ficará cansada se demormos muito — Samina suspirou fundo. — Se Ari não chegar em dez minutos, pedirei para continuarmos sem ele.

— Já disse, não haverá necessidade de fazer isso — Vivek confirmou com um largo sorriso assim que Ari, seu filho favorito, entrou na sala. — Sua mãe estava em pânico, como sempre — ele disse a Ari, abraçando seu filho de modo afetuoso.

— Você prometeu que estaria lá na estação. Esperamos por uma hora! Onde você estava? — Samina franziu a testa para seu belo filho, mas, como sempre, sabia que seria mais uma batalha perdida contra seu charme.

— *Ma*³, me perdoe. — Ari enviou um sorriso vitorioso para sua mãe e pegou a mão dela. — Me atrasei e tentei ligar para seu celular. Mas, como sempre, estava desligado.

Ari e seu pai compartilharam um sorriso. A incapacidade de Samina usar o telefone celular era uma piada na família.

2. Do hindi, amada, adorada. (N.T.)

3. Do hindi, abreviação de *maaji*, mãe. (N.T.)



— Mas estou aqui agora — Ari disse, olhando ao redor para o resto do clã. — Perdi alguma coisa?

— Não, e sua bisavó está tão ocupada cumprimentando o resto da família que podemos presumir que não notou seu atraso — Vivek respondeu.

Ari se virou e voltou os olhos para a multidão com o mesmo sangue que o seu, para a matriarca cujos genes teceram fios invisíveis através de gerações. Quando a viu, Ari notou seus olhos brilhantes e inquisitivos fixados nele.

— Ari! Você finalmente decidiu se juntar a nós — ela sorriu. — Venha beijar sua bisavó.

— Sua avó pode ter cem anos, mas não perde nada — Samina cochinhou para Vivek.

Assim que Anahita abriu os braços frágeis para Ari, a multidão de parentes se afastou e todos os olhos na sala se voltaram para ele. Ari caminhou em sua direção e se ajoelhou diante dela, mostrando seu respeito com uma *pranaam*⁴ e esperando sua bênção.

— *Nani* — ele cumprimentou, usando o apelido carinhoso que todos os netos e bisnetos de Anahita usavam. — Desculpe meu atraso. É uma longa jornada de Mumbai — explicou.

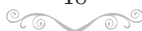
Quando ergueu os olhos, Ari pôde ver os olhos dela examinando-o daquele seu modo peculiar, como se ela analisasse sua alma.

— Não tem importância — ela disse enquanto seus dedos encolhidos tocavam a face do rapaz como a asa delicada de uma borboleta. Ela diminuiu o volume da voz e sussurrou de modo que apenas Ari pudesse ouvir. — Mas sempre acho útil checar antes de dormir se coloquei o alarme para despertar na hora certa. — Ela deu uma piscadinha clandestina antes de fazer um sinal para ele se levantar. — Conversaremos mais tarde. Keva está ansiosa para iniciar as comemorações.

— Sim, *Nani*, claro — Ari disse, sentindo o rosto enrubescer ao se levantar. — Feliz aniversário.

Caminhando de volta para junto de seus pais, Ari se perguntou como sua bisavó adivinhara o verdadeiro motivo do atraso.

4. Do hindi, saudação, reverência. (N.T.)



O dia seguiu como planejado, com Vivek, na posição de neto mais velho de Anahita, fazendo um discurso emocionante sobre sua vida admirável. À medida que o champanhe era consumido, a conversa passou a fluir e a tensão peculiar de uma família reunida depois de muito tempo começou a desaparecer. A natureza naturalmente competitiva entre irmãos foi ofuscada quando cada um reestabeleceu sua posição na hierarquia familiar e os primos mais jovens perderam a timidez e encontraram interesses em comum.

— Olhe para o seu filho! — Muna, filha de Anahita, comentou com Vivek. — Suas primas estão todas babando por ele. Logo ele terá que pensar em casamento — ela acrescentou.

— Duvido que ele veja as coisas assim — resmungou Samina para a sogra. — Atualmente os jovens parecem querer curtir a vida até depois dos trinta.

— Vocês não vão arranjar nada para ele, então? — Muna perguntou.

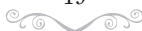
— Vamos, claro, mas duvido que ele concorde — Vivek disse. — Ari pertence à nova geração, mestre de seu próprio universo. Ele tem seu negócio e viaja o mundo. Os tempos mudaram, *Ma*, e Samina e eu devemos permitir que nossos filhos tenham a opção de escolher seus próprios maridos e esposas.

— Sério? — Muna levantou uma sobrancelha. — Isso é bem moderno de sua parte, Vivek. Afinal, vocês dois não se saíram mal juntos.

— Sim, *Ma* — Vivek concordou, pegando a mão de sua esposa. — Você fez uma ótima escolha para mim — ele sorriu.

— Mas nadamos contra uma corrente forte — acrescentou Samina. — Os jovens fazem o que querem hoje em dia, tomam suas próprias decisões — desejando mudar de assunto, ela olhou para Anahita. — Sua mãe parece estar se divertindo hoje. Ela é um milagre, uma maravilha da natureza — Samina disse para Muna.

— Sim — Muna suspirou. — Mas me preocupo com ela aqui nas colinas, apenas com Keva para cuidar dela. É tão frio no inverno, e não deve ser bom para seus ossos velhos. Já pedi tantas vezes para ela vir morar conosco em Guhagar, para podermos cuidar dela. Mas, claro, ela recusa. Diz que se sente mais próxima dos espíritos aqui e, claro, de seu passado.



— O passado *misterioso* dela — Vivek levantou uma sobrancelha. — *Ma*, você acha que irá convencê-la a dizer quem foi o seu pai? Sei que ele morreu antes de você nascer, mas, para mim, os detalhes sempre pareceram superficiais.

— Isso era importante enquanto eu crescia, e me lembro de fazer muitas perguntas, mas agora... — Muna deu de ombros. — Se ela quer manter seus segredos, tudo bem. Ela não poderia ter sido uma mãe mais amorosa para mim, e não desejo aborrecê-la — Muna olhou para a sua mãe com carinho. Anahita encontrou seu olhar e fez um sinal para que a filha fosse até ela.

— Sim, *Maaji*, o que foi? — Muna perguntou ao se aproximar.

— Estou um pouco cansada agora. — Anahita tentou evitar um bocejo. — Quero descansar. E em uma hora quero que você traga meu bisneto, Ari, para me ver.

— Claro. — Muna ajudou a mãe a ficar de pé e a passar entre seus familiares. Keva, como sempre rondando sua senhora, deu um passo à frente. — Minha mãe deseja repousar um pouco, Keva. Poderia ir com ela e acomodá-la?

— Certamente. Foi um dia longo.

Muna observou enquanto ela deixava a sala, depois voltou para junto de Vivek e sua esposa.

— Ela vai descansar um pouco, mas me perguntou se Ari pode ir falar com ela daqui a uma hora.

— Sério? — Vivek franziu a testa. — Me pergunto por quê.

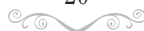
— Quem sabe o que se passa pela cabeça da minha mãe? — Muna disse, suspirando.

— Bem, é melhor dar o recado. Sei que ele falou de ir embora logo. Ele tem uma reunião de negócios em Mumbai amanhã de manhã.

— Bem, pelo menos desta vez, sua família vem em primeiro lugar — Samina disse, firmemente. — Vou procurar por ele.

Quando Ari soube, pela mãe, que sua bisavó queria uma conversa particular em uma hora, não ficou nada contente, como seu pai havia previsto.

— Não posso perder aquele voo — explicou. — Você precisa entender, *Ma*, que eu tenho um negócio para administrar.



— Então vou pedir para o seu pai dizer a sua bisavó que o primeiro bisneto dela não tem tempo para conversar em seu centésimo aniversário.

— *Ma...* — Ari viu a expressão inflexível no rosto de sua mãe e respirou fundo. — Tudo bem. Eu fico. Com licença, preciso encontrar sinal neste lugar para fazer uma ligação e adiar a reunião.

Samina observou seu filho se afastar olhando intensamente para o celular. Ele foi uma criança determinada desde o dia em que nasceu, e, sem dúvida, ela mimou seu primogênito, como toda mãe faz. Ele sempre foi especial, desde o momento em que abriu os olhos e ela fitou, surpresa, sua cor azul. Vivek fez piadas incontáveis sobre eles, questionando a fidelidade de sua esposa. Até que eles visitaram Anahita e ela declarou que o pai de Muna tinha olhos da mesma cor.

O tom de pele de Ari também era mais claro que o do resto de seus irmãos, e sua aparência extraordinária sempre atraía a atenção. Devido à notoriedade ao longo de seus vinte e cinco anos, havia certa arrogância em sua atitude. Mas ele se redimia com a doçura de sua personalidade. Entre todos os seus filhos, Ari sempre foi o mais amoroso com ela, sempre a seu lado em um piscar de olhos se houvesse um problema. Até o dia em que partiu para Mumbai, anunciando que abriria o próprio negócio...

Hoje em dia, o Ari que visitava a família parecia mais duro, centrado, e, honestamente, Samina percebeu que gostava menos dele. Caminhando de volta até seu marido, ela fez uma prece para que esse fosse um período passageiro.

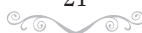
— Meu bisneto pode entrar agora — Anahita anunciou, depois que Keva a sentou e afofou seus travesseiros.

— Sim, madame. Vou chamar seu bisneto.

— E não quero que nos incomodem.

— Não, madame.

— Boa tarde, *Nani* — Ari disse ao entrar no quarto, alguns segundos depois. — Espero que esteja se sentindo melhor agora.



— Sim — Anahita apontou para a cadeira. — Por favor, sente-se, Ari. É peço desculpas por atrapalhar seus planos para amanhã.

— Não tem problema — Ari sentiu o sangue esquentar seu rosto pela segunda vez naquele dia. Ele notou como sua bisavó o observava com aqueles olhos penetrantes e pensava como ela parecia capaz de ler seus pensamentos.

— Seu pai disse que você está morando em Mumbai e que agora é dono de um negócio bem-sucedido.

— Bem, eu não diria que é bem-sucedido ainda. Mas estou trabalhando duro para que seja no futuro.

— Posso notar que você é um jovem ambicioso. E tenho certeza de que um dia seu negócio dará os frutos que você espera.

— Obrigado, *Nani*.

Ari notou que sua bisavó esboçou um sorriso.

— Claro, pode ser que isso não traga a satisfação que você espera. Há muito mais que trabalho e riqueza na vida. Mas isso você precisa descobrir sozinho — ela acrescentou. — Agora, Ari, tenho uma coisa para você. Por favor, abra a escrivaninha com esta chave e pegue uma pilha de papéis que está dentro da gaveta.

Ari pegou a chave da mão de sua bisavó, virou a fechadura e removeu o manuscrito envelhecido da gaveta.

— O que é isto? — ele perguntou.

— É a história da vida de sua bisavó. Ela foi escrita como registro para o filho que perdi. Infelizmente, nunca o encontrei.

Ari viu lágrimas brotarem nos olhos de Anahita. Ele ouviu alguns comentários de seu pai, ao longo dos anos, sobre o filho que havia falecido na infância, na Inglaterra, quando sua bisavó esteve lá, durante a Primeira Guerra Mundial. Se sua lembrança estivesse certa, ele pensou, ela precisou deixar o menino para trás quando voltou para a Índia. Ao que parece, Anahita se recusava a acreditar que seu filho estava morto.

— Mas pensei...

— Sim, tenho certeza que te disseram que tenho a certidão de óbito



dele. Que sou uma mãe triste e louca, incapaz de aceitar que seu amado filho se foi.

Ari se moveu desconfortavelmente na cadeira.

— Já ouvi essa história — admitiu.

— Sei o que minha família pensa e o que você provavelmente pensa também — Anahita afirmou. — Mas, acredite, há mais coisas entre o céu e a terra do que pode ser explicado por um documento feito pelo homem. Há o coração de uma mãe, e sua alma, que lhe diz coisas que não devem ser ignoradas. E eu lhe digo que meu filho não está morto.

— *Nani*, acredito em você.

— Sei que você não acredita e não me importo. Contudo, é minha culpa o fato de minha família não acreditar em mim. Nunca expliquei o que aconteceu naqueles anos.

— Por que não?

— Porque... — Anahita contemplou suas queridas montanhas através da janela. Balançou a cabeça levemente. — Não é certo te dizer agora. Está tudo aí — ela apontou o dedo para os papéis nas mãos de Ari. — Quando for a hora certa, e você saberá quando ela chegar, talvez você venha a ler minha história. E, então, vai decidir sozinho se deve investigá-la ou não.

— Entendi — Ari disse, mas não entendeu de fato.

— Tudo o que peço é que não compartilhe o conteúdo dessas páginas com ninguém até eu morrer. É a minha vida que confio a você, Ari. Como sabe — Anahita pausou —, meu tempo na Terra está acabando.

Ari olhou para ela fixamente, confuso quanto ao que sua bisavó queria que ele fizesse.

— Você quer que eu leia isso e, então, investigue o paradeiro do seu filho? — ele arriscou.

— Sim.

— Mas por onde devo começar?

— Na Inglaterra, é claro. — Anahita olhou fixamente para ele. — Você reconstituiria meus passos. Tudo o que você precisa saber está na palma de suas



mãos. Além disso, seu pai me disse que você administra um tipo de empresa de tecnologia. Você, entre todas as pessoas, tem uma rede a sua disposição.

— Você quer dizer a “internet”? — Ari engoliu uma risada.

— Sim, então tenho certeza de que você vai levar apenas alguns segundos para encontrar o lugar onde tudo começou — Anahita concluiu.

Ari seguiu a direção do olhar de sua bisavó até as montanhas.

— É uma bela vista — ele comentou, sem algo melhor para dizer.

— É, e é por isso que eu permaneço aqui, mesmo que minha filha não aprove. Em breve, vou viajar lá para cima, para além daqueles picos, e vou ficar feliz com isso. Vou ver muitas pessoas que perdi e por quem chorei ao longo da vida. Mas, claro, do jeito que as coisas estão... — O olhar de Anahita encontrou o de seu bisneto mais uma vez. — Não vou encontrar a pessoa que mais desejo ver.

— Como você sabe que ele ainda está vivo?

Os olhos de Anahita voltaram a se fixar no horizonte, então suas pálpebras se fecharam com pesar.

— Como eu disse, está tudo na minha história.

— Claro. — Ari sabia que estava dispensado. — Vou deixar você descansar, *Nani*.

Anahita concordou com a cabeça. Ari se levantou, fez uma *pranaam* e beijou ambas as faces de sua bisavó.

— Tchau, tenho certeza de que te verei logo — ele comentou, caminhando em direção à porta.

— Talvez — ela respondeu.

Quando Ari estava prestes a deixar o quarto, ele se virou, de repente, por instinto.

— *Nani*, por que eu? Por que não dar sua história a sua filha ou a meu pai?

Anahita o fitou longamente.

— Porque, Ari, o que você segura nas mãos é a história do meu passado, mas também é o seu futuro.

Ari deixou o quarto se sentindo esgotado. Caminhando pelo bangalô,



foi até o cabide ao lado da porta da frente, onde havia deixado sua pasta. Guardando os papéis amarelados, voltou para a sala de estar. Sua avó, Muna, se aproximou imediatamente.

— Por que ela queria te ver? — ela perguntou.

— Ah — Ari respondeu, distraidamente. — Ela não acredita que seu filho está morto e quer que eu vá à Inglaterra investigar. — Ari virou os olhos para completar o efeito.

— Outra vez? — Muna virou seus olhos também com cumplicidade e igualmente dramática. — Veja, posso te mostrar a certidão de óbito. Ele morreu quando tinha cerca de três anos. Por favor, Ari — ela colocou uma mão sobre o ombro de seu neto. — Esqueça isso. Ela insiste nisso há anos. Infelizmente, é a fantasia de uma mulher idosa e certamente não vale a pena perder seu precioso tempo com isso. Acredite no que eu digo. Já ouço essa história há muito mais tempo que você. Agora — sua avó sorriu —, venha tomar pelo menos mais uma taça de champanhe com sua família.

Ari pegou o último voo de Bagdogra para Mumbai. Tentou se concentrar nos números a sua frente, mas o rosto de Anahita continuava a surgir diante de seus olhos. Com certeza sua avó estava certa quando disse que Anahita estava enganada. Ainda assim, sua bisavó havia dito coisas enquanto estavam sozinhos — coisas que não poderia saber sobre ele — que o deixaram perturbado. Talvez houvesse algo em sua história... Talvez ele devesse examinar o manuscrito quando chegasse em casa.

No aeroporto de Mumbai, mesmo depois da meia-noite, sua namorada atual, Bambi, esperava por ele. O resto da noite foi agradável, em seu apartamento com vista para o Mar Árábico, deleitando-se com seu corpo jovem e delgado.

Na manhã seguinte, ele estava atrasado para sua reunião quando colocou os documentos de que precisava na pasta, removendo os papéis que Anahita lhe dera.

“Um dia terei tempo de ler”, ele pensou, enquanto enfiava o manuscrito na última gaveta da escrivaninha e deixava seu apartamento, com pressa.



Um ano depois



... eu me lembro. No silêncio da noite, a mera impressão de uma brisa era um alívio abençoado do calor interminável de Jaipur. Frequentemente, eu e as outras mulheres e crianças da zenana⁵ subíamos ao telhado do Palácio da Lua e arrumávamos nossas camas ali.

Deitada lá, fitando as estrelas, ouço um canto doce e puro. E sei que, naquele momento, alguém que amo está sendo levado da Terra e gentilmente embalado rumo aos céus...

Acordo assustada, em meu quarto em Darjeeling, não nos telhados do palácio em Jaipur. Foi um sonho, tento me consolar, desorientada, pois a música permanece em meus ouvidos. Ainda assim, sei com certeza que estou acordada.

Tento recuperar os sentidos e percebo o que isso significa: se estou no presente, alguém que amo está morrendo neste momento. Os batimentos de meu coração se aceleram, fecho os olhos e penso em todos de minha família, sabendo que minha segunda visão irá me dizer quem é.

Pela primeira vez, ela não me diz nada. É estranho, penso, já que os deuses nunca erraram antes.

Mas quem...?

Fecho os olhos e respiro profundamente, com calma, ouvindo atentamente.

E, então, eu sei. Sei com certeza o que estão me dizendo.

5. Do hindu, a parte da casa que é reservada às mulheres. (N.T)

Meu filho... meu amado filho. Sei que é ele quem está sendo levado.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu olho pela janela, para o céu, em busca de consolo. Mas é noite, e há apenas escuridão do outro lado da janela.

Ouçõ uma batida leve na porta e Keva entra, preocupada.

— Ouvi a madame chorar. A senhora está se sentindo mal? — ela pergunta, atravessando o quarto, me olhando fixamente e medindo meu pulso.

Balanço a cabeça, em silêncio, enquanto ela procura um lenço para secar as lágrimas que escorreram pelo meu rosto.

— Não — respondo. — Não estou me sentindo mal.

— Então, o que foi? Um pesadelo?

— Não. — Olho para ela, sabendo que não irá entender. — Meu filho acabou de morrer.

Keva me encara, horrorizada.

— Mas como a senhora descobriu que Madame Muna morreu?

— Não é minha filha, Keva; é meu filho. Aquele que deixei para trás, na Inglaterra, há tantos anos. Ele tinha oitenta e um anos — murmuro. — Ao menos ele viveu uma vida longa.

Keva me olha confusa outra vez e toca minha testa, verificando se estou febril.

— Madame, seu filho morreu há muitos anos. Acho que a senhora estava sonhando — ela diz, tentando convencer a si mesma e a mim.

— Talvez — respondo gentilmente, não querendo causar alarde. — Ainda assim, gostaria de anotar o dia e a hora. É um momento do qual não desejo esquecer. Porque, veja bem, minha espera terminou — sorrio debilmente.

Ela faz o que peço, anotando a hora e o dia em um pedaço de papel que, em seguida, me entrega.

— Vou ficar bem agora; você pode me deixar.

— Sim, senhora — Keva responde, incerta. — A madame tem certeza de que não está doente?

— Tenho certeza. Boa noite, Keva.

Quando ela deixa o quarto, pego uma caneta do criado-mudo e escrevo uma carta para registrar a data e a hora da morte de meu filho. Também



retiro sua deteriorada certidão de óbito da gaveta. Amanhã pedirei a Keva que coloque tudo em um envelope e envie ao advogado responsável por cuidar de meus assuntos depois que eu partir. Pedirei que ele telefone para que eu o instrua sobre o envelope quando eu morrer.

Fechando os olhos, desejo que o sono venha, pois, de repente, me sinto desesperadamente só neste mundo. Percebo que estava esperando por esse momento. Agora que meu filho me deixou, é finalmente minha vez de seguir seus passos...

Três dias depois, na hora de costume, Keva bate à porta do quarto de sua patroa. Era normal não receber uma resposta imediata. Madame Chavan dormia até tarde naqueles dias. Keva se ocupou da faxina por mais meia hora. Então, retornou e bateu outra vez, evocando mais silêncio do interior do quarto. Isso *não era* normal, então Keva abriu a porta e encontrou sua patroa ainda dormindo profundamente. Apenas depois de abrir as cortinas, conversando com ela sobre nada importante, como de costume, é que Keva percebeu que Madame Chavan não respondia.

O celular de Ari tocou enquanto ele dirigia pelo tráfego caótico de Mumbai. Vendo que era seu pai, com quem não falava há semanas, pressionou o botão de viva-voz de seu telefone.

— Pai! — ele disse contente. — Como você está?

— Olá, Ari. Estou bem, mas...

Ari podia notar o tom sombrio na voz do pai.

— Sim? — ele perguntou. — O que aconteceu?

— Sua bisavó, Anahita. Lamento dizer que ela faleceu nas primeiras horas da manhã de hoje.

— Ah, pai. Sinto muito.

— Todos nós sentimos. Ela era uma mulher maravilhosa e fará muita falta.

— É verdade. Pelo menos ela viveu uma vida longa — Ari disse em tom consolador, enquanto desviava de um táxi que parou repentinamente bem a sua frente.



— Sim. Estamos planejando o funeral para daqui a quatro dias, a fim de dar tempo à família. Seu irmão e sua irmã estarão presentes, assim como todo mundo. Inclusive você, espero — Vivek acrescentou.

— Você quer dizer nesta sexta-feira? — Ari perguntou, com o coração partido.

— Isso, ao meio-dia. Ela será cremada no *ghaat*⁶, em Darjeeling, só com a presença da família. Vamos organizar um memorial depois, uma vez que muitas pessoas gostariam de celebrar a vida dela.

— Pai — Ari resmungou. — Sexta-feira será realmente impossível para mim. Tenho um cliente em potencial chegando dos Estados Unidos para falarmos sobre um contrato. Isso tiraria a empresa do prejuízo da noite para o dia. Mesmo com a maior vontade do mundo, não poderei ir a Darjeeling na sexta.

Houve apenas silêncio do outro lado da linha.

— Ari — seu pai finalmente disse. — Até eu sei que há momentos em que os negócios devem vir em segundo lugar, depois da família. Sua mãe jamais te perdoaria, especialmente depois que Anahita deixou óbvio nas comemorações de seu aniversário, ano passado, que você era especial para ela.

— Lamento, pai — Ari disse, com determinação — Não há nada que eu possa fazer.

— Essa é sua decisão final?

— Esta é minha decisão final.

Ari ouviu o som do telefone batendo do outro lado.

Ari estava eufórico quando chegou em casa na noite da sexta-feira seguinte. Tudo correu tão bem na reunião com os americanos que eles fecharam o negócio no ato. Ele ia sair com Bambi para jantar e comemorar, e passou em casa apenas para tomar um banho. Pegou uma carta de seu escaninho na recepção do prédio e tomou o elevador até o décimo sexto andar. Em seu apartamento, abriu o envelope enquanto caminhava para o quarto e leu o conteúdo.

6. Do urdu, um dialeto hindu, margens do rio. (N.T.)



A Rosa da Meia-Noite

Khan & Chauhan Advocacia
Chowrasta Square
Darjeeling
Bengala Ocidental
Índia
2 de março de 2001

Prezado Senhor,

De acordo com as instruções de nossa cliente, Anahita Chavan, encaminho este envelope a Vossa Senhoria. Como sabe, Madame Chavan faleceu alguns dias atrás.

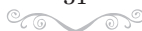
Com votos de profundo pesar,
Devak Khan
Sócio

Ari sentou-se na cama, percebendo que, devido a sua ansiedade com a reunião e os preparativos com a equipe, o funeral de sua bisavó nem mesmo havia passado por sua cabeça. Ele respirou fundo ao abrir o envelope que o advogado anexara à carta, duvidando que seus pais o perdoariam por não ter telefonado hoje.

— Bem, se tiver que ser assim — Ari disse a si mesmo pesarosamente, puxando a folha de papel que estava no envelope.

Meu querido Ari,

Quando estiver lendo isto, já terei partido. Seguem anexos os detalhes da morte de meu filho Moh. O dia e a hora exatos de sua morte. E, claro, a certidão de óbito original. Como você pode ver, as datas não correspondem. Isso pode não significar nada para você, meu querido, mas no futuro, se



você decidir investigar o que aconteceu com ele, ambas serão relevantes. Enquanto isso, até nos encontrarmos de novo em outro lugar, fique com o meu amor. Sempre se lembre de que nunca somos verdadeiramente donos de nosso destino. Use seus ouvidos para ouvir e seus olhos para ver, e sei que você encontrará um caminho.

*Sua bisavó,
Anahita*

Ari suspirou. Ele realmente não estava com humor para as maluquices de sua bisavó, nem para ponderar o tamanho da raiva que seus pais deviam estar sentindo dele. Não queria que nada atrapalhasse seu bom humor esta noite.

Abrindo a torneira, ele colocou um CD para tocar e ficou de pé embaixo do chuveiro ouvindo as batidas da música.

Vestido com um de seus ternos costurados a mão, desligou a música e estava prestes a deixar o quarto quando a carta de Anahita chamou sua atenção. Por instinto, ele devolveu a folha ao envelope, colocando-o na gaveta, juntamente com o manuscrito amarelado. Desligou as luzes e deixou o apartamento.



Londres

Julho de 2011



1



Rebecca Bradley pressionou o rosto contra a janela quando o avião iniciou sua descida sobre Londres. A colcha de retalhos em diferentes tons de verde brilhava como se estivesse coberta pelo orvalho daquela bela manhã de verão. A cidade começou a aparecer abaixo. Um vislumbre do Big Ben e das Casas do Parlamento a fez pensar que era uma cidade de brinquedo em comparação com os arranha-céus de Nova York.

— Senhorita Bradley, vamos removê-la da aeronave primeiro — a comissária de bordo informou.

— Obrigada — Rebecca conseguiu sorrir. Ela procurou seus óculos escuros na bolsa, esperando que pudessem disfarçar sua exaustão, apesar de ser improvável que fotógrafos esperassem por ela. Precisando deixar rapidamente Nova York, ela telefonou para a empresa aérea a fim de adiantar o voo.

Sentiu certa satisfação por ninguém, nem mesmo seu agente ou Jack, saber onde ela estava. Jack havia deixado seu apartamento naquela tarde para pegar um avião de volta a Los Angeles. Ela não foi capaz de dar a resposta que ele queria; disse apenas que precisava de tempo para pensar.

Rebecca mexeu ainda mais na bolsa, procurando e abrindo uma caixa de veludo vermelho. O anel que ele lhe dera era certamente substancial, mas muito suntuoso para seu gosto. Jack gostava de grandes gestos, condizentes com seu status como uma das estrelas de cinema mais famosas e bem pagas do mundo. E ele nem podia presenteá-la com nada inferior a isso, uma vez que, se ela aceitasse sua proposta, aquele anel estaria estampado nos jornais e revistas do mundo

todo. Jack Heyward e Rebecca Bradley eram o casal mais quente de Hollywood, e a mídia não se cansava deles.

Rebecca fechou a caixa de veludo e olhou pela janela do avião, que se preparava para pousar. Desde que ela e Jack se conheceram, um ano antes, durante as gravações de uma comédia romântica, ela sentiu que sua vida se tornara refém daqueles que queriam viver indiretamente não apenas dos filmes em que ela estrelava, mas também de sua vida particular. A verdade era que — Rebecca mordeu os lábios enquanto o avião continuou sua descida — o relacionamento “dos sonhos” que o mundo imaginava que tinham era um faz de conta, igual a seus filmes.

Até mesmo Victor, seu agente, encorajava o relacionamento com Jack. Ele disse várias vezes que seria uma trajetória benéfica para sua estrela em ascensão.

— Não há nada que o público goste mais que um casal hollywoodiano de verdade, querida — ele disse. — Mesmo que sua carreira cinematográfica entre pelo cano, ainda vão querer fotos de seus filhos brincando no parque.

Rebecca pensou no tempo que efetivamente passaram juntos no último ano. Ele estava estabelecido em Hollywood, ela, em Nova York, e agendas cheias significava não ver um ao outro por semanas. Quando *estavam* juntos, eram perseguidos aonde quer que fossem. Mesmo ontem, na hora do almoço, quando comeram em um restaurante italiano que não era mais que uma portinhola, foram assediados por clientes pedindo fotos e autógrafos. Jack acabou sugerindo uma caminhada no Central Park para que pudesse fazer seu pedido de casamento. Ela esperava que ninguém os tivesse visto lá...

A claustrofobia esmagadora que sentiu ao tomarem um táxi de volta para seu apartamento no SoHo e o modo como Jack a pressionara por uma resposta resultou na decisão repentina de viajar mais cedo para a Inglaterra. Ter o mundo escrutinando cada um de seus passos e ser perseguida diariamente por estranhos que, de algum modo, acreditavam ser donos de uma parte dela, para Rebecca, era insustentável. A falta de privacidade que acompanha um relacionamento de interesse público, e a impossibilidade



de comprar um pãozinho e um café na padaria da esquina sem ser assediada, tem um preço alto.

Seu médico lhe receitara Valium algumas semanas antes, quando ela fora cercada na porta de seu prédio e acabara se trancando no banheiro, chorando histericamente. O Valium ajudou, mas Rebecca sabia que era um caminho sem volta. A estrada escorregadia rumo à dependência era o meio de lidar com o aumento iminente da pressão em que vivia. E disso Jack sabia muito bem.

Jack garantira nos primeiros dias do romance que a cocaína não era um hábito regular. Ele poderia abandoná-la a qualquer hora. A droga simplesmente ajudava a relaxar. Mas, à medida que o conhecia melhor, Rebecca descobriu que isso não era verdade. Ele se tornava agressivo e ficava na defensiva quando Rebecca questionava seu uso contínuo e exagerado, além da quantidade de álcool que consumia. Como não fazia uso de drogas e raramente bebia, ela não suportava quando Jack ficava drogado.

No início do relacionamento, ela pensou que a vida não poderia ser melhor: uma carreira de grande sucesso e um homem atraente e talentoso com quem compartilhar a vida. Mas, entre as drogas, as ausências e a revelação da insegurança de Jack — que culminou em um ataque de raiva sete meses antes, quando Rebecca fora indicada para o Globo de Ouro e Jack, não —, as lentes cor-de-rosa com as quais enxergava sua vida começaram a desbotar.

A oferta de um grande papel em um filme britânico, *O Silêncio da Noite*, ambientado nos anos 1920, que narrava a vida de uma família aristocrática inglesa, não poderia ter vindo em momento mais oportuno.

Não era apenas uma saída drástica dos papéis de pouca importância que havia representado até então; era também uma grande honra ser escolhida por Robert Hope, o aclamado diretor britânico. Jack conseguiu tirar o brilho até mesmo disso, mencionando que era de um nome de Hollywood que eles precisavam para satisfazer os donos do dinheiro. Ele continuou, dizendo que sua grande contribuição seria ficar linda nos figurinos e que ela não deveria acreditar que ganhara o papel por seu talento.

— Você é linda demais para ser levada a sério, querida — ele acrescentou, colocando mais vodca em seu copo.



O avião pousou em Heathrow, taxiando até parar. Rebecca desafivelou o cinto assim que as luzes se acenderam.

— Está pronta, Senhorita Bradley? — a comissária perguntou.

— Sim, obrigada.

— Não deve demorar mais que dois minutos.

Rebecca rapidamente passou um pente pelos longos cabelos negros e os enrolou na base do pescoço. Um visual “Audrey Hepburn”, como Jack costumava dizer. De fato, a mídia sempre associava Rebecca à estrela icônica. Havia até mesmo rumores de uma refilmagem de *Bonequinha de Luxo* no próximo ano.

Ela não deveria ouvir o que ele dizia, não deveria deixar sua autoconfiança como atriz enfraquecer ainda mais. Os dois filmes mais recentes de Jack haviam sido um fracasso, e sua estrela ascendente já não brilhava tão intensamente como antes. A verdade nua era que ele estava com inveja de seu sucesso. Ela respirou fundo para se acalmar. Fosse o que fosse que Jack tenha dito, Rebecca estava determinada a provar que era muito mais que um rostinho bonito, e um roteiro substancial lhe proporcionava uma chance real de fazer exatamente isso.

Pelo menos, escondida nas locações em uma área rural do interior da Inglaterra, Rebecca esperava ter um pouco de paz e tempo para pensar. Por trás de todos os seus problemas, ela sabia que havia um Jack a quem amava. Mas, a menos que ele estivesse preparado para fazer alguma coisa a respeito da dependência, ela não poderia aceitar seu pedido.

— Vamos retirá-la da aeronave agora, Senhorita Bradley — disse um segurança da empresa aérea, de terno escuro, que apareceu a seu lado.

Rebecca colocou os óculos de sol e saiu da primeira classe. Sentada na área VIP, esperando por sua bagagem, ela concluiu que seria inútil tentar mudar Jack, a menos que ele admitisse seus problemas. Talvez, ponderou, tirando o telefone da bolsa e olhando para a tela, fosse exatamente isso que deveria dizer a ele.

— Senhorita Bradley, sua bagagem já foi levada para o carro — o segurança informou. — Mas temo que haja uma barreira de fotógrafos esperando pela senhorita lá fora.



— Não! — Ela olhou para ele, consternada. — Quantos?

— *Muitos* — ele confirmou. — Não se preocupe; garanto que passaremos por eles com tranquilidade.

Ele indicou que deveriam prosseguir, e Rebecca se levantou.

— Eu não estava esperando por isso — ela comentou, enquanto caminhava com o Segurança em direção ao portão de desembarque. — Peguei um voo diferente do que havia planejado originalmente.

— Bem, a Senhorita chegou a Londres na manhã em que as notícias foram divulgadas. Posso lhe dar os parabéns?

Rebecca parou de repente.

— Que “notícias”? — ela perguntou bruscamente.

— Seu... noivado com Jack Heyward, Senhorita Bradley.

— Eu... Ah, Jesus — ela murmurou.

— Tem uma foto muito bonita de vocês no Central Park, com o Senhor Heyward colocando o anel no seu dedo. Está na primeira página da maioria dos jornais de hoje. — Ele parou em frente a uma porta de correr. — Ok. Preparada?

Atrás de seus óculos de sol, as lágrimas eram como ferroadas nos olhos de Rebecca, que consentiu com a cabeça, irritada.

— Bom, então vamos passar o mais rápido possível.

Quinze minutos depois, enquanto o carro deixava o aeroporto de Heathrow, Rebecca olhava impotente para a fotografia, estampada em lugar de honra na capa do *Daily Mail*, e a manchete:

JACK E BECK – AGORA É OFICIAL!

A imagem granulada de Jack colocando o anel em seu dedo no Central Park. Ela estava olhando para ele com o que *sabia* ser uma expressão de pânico, mas que o jornalista descreveu como surpresa agradável. Pior que isso, havia uma declaração de Jack, claramente feita após ter deixado seu apartamento, no dia anterior. Ele confirmava o pedido de casamento, mas dizia que ainda não haviam marcado a data.



Ela levou as mãos tremulas à bolsa e pegou o celular outra vez. Ao notar várias mensagens de Jack, de seu agente e de membros da imprensa, desligou o aparelho e o guardou novamente. Não era capaz de responder nenhuma delas no momento. Estava furiosa com Jack por ter feito comentários sobre o que ocorrera no parque.

Amanhã, a mídia mundial especularia sobre quem faria seu vestido de noiva, onde seria a cerimônia e, provavelmente, se ela estava grávida.

Rebecca fechou os olhos e respirou fundo. Aos vinte e nove anos, até a noite passada casamento e filhos não eram mais que uma ideia vaga, algo que poderia acontecer no futuro.

Jack, porém, estava perto dos quarenta anos, havia dormido com a maioria de suas coadjuvantes e, como ele mesmo disse, era hora de se estabelecer. Para Rebecca, era apenas o segundo relacionamento sério, depois de muitos anos com seu namorado de infância. O florescimento da carreira e a fama que veio em seguida também colocaram um fim naquela história de amor.

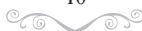
— Temo que vamos demorar algumas horas para chegar a Devon, Senhorita Bradley — disse o motorista, simpático. — A propósito, meu nome é Graham. Me avise se precisar parar no caminho por algum motivo.

— Tudo bem — Rebecca respondeu, sentindo que, nesse momento, preferia que ele a levasse para um deserto vasto em algum lugar da África, qualquer lugar sem fotógrafos, jornais ou sinal de celular.

— É bem isolado onde estamos indo, Senhorita Bradley — Graham comentou, adivinhando seus pensamentos. — Não há luzes nem lojas em Dartmoor — acrescentou. — Aliás, a senhorita vai filmar em um lugar antigo e maravilhoso. É como voltar no tempo. Pensei que ninguém mais morasse em lugares como esse. Mas ir para o interior é uma mudança agradável para mim, com certeza. Normalmente eu levo atores para os estúdios em meio ao trânsito de Londres.

Suas palavras proporcionaram um pouco de conforto para Rebecca. Talvez a mídia a deixasse em paz se estivesse no meio de lugar nenhum.

— Parece que temos uma moto em nosso rastro, Senhorita Bradley — Graham disse, olhando para o retrovisor e abruptamente destruindo



suas esperanças de privacidade. — Não se preocupe, vamos nos livrar dele assim que pegarmos a via expressa.

— Obrigada — Rebecca disse, tentando acalmar seus nervos tensos. Ela afundou no assento, fechou os olhos e fez o possível para tentar dormir.

— Estamos quase lá, Senhorita Bradley.

Depois de quatro horas e meia no carro, cochilando intermitentemente, Rebecca sentia os efeitos do *jet lag*. Ela olhou pela janela.

— Onde estamos? — perguntou enquanto observava a paisagem irregular e vazia ao seu redor.

— Em Dartmoor. Parece agradável hoje, com o sol brilhando, mas aposto que é bem sombrio no inverno. Com licença — Graham disse quando seu telefone tocou. — É o gerente de produção. Vou encostar para poder atender.

Enquanto o motorista atendia o celular, Rebecca abriu a porta e pisou na grama áspera ao lado da estrada estreita. Inspirou fundo e sentiu o doce aroma de frescor no ar. Uma brisa suave soprava pela vegetação e, ao longe, ela podia ver a silhueta de rochas no horizonte. Não havia nenhuma pessoa em quilômetros.

— Que paraíso — Rebecca suspirou, enquanto Graham dava a partida e ela entrava no carro. — É tão tranquilo aqui — acrescentou.

— É — ele concordou. — Mas infelizmente, Senhorita Bradley, o gerente de produção ligou para avisar que há um grupo de fotógrafos em frente ao hotel onde o elenco está hospedado. Estão esperando a senhorita chegar. Ele sugeriu que eu a leve direto para Astbury Hall, onde as filmagens serão feitas.

— Tudo bem — Rebecca mordeu o lábio em desespero e eles partiram.

— Sinto muito, Senhorita Bradley. — Graham se mostrou solidário. — Sempre digo aos meus filhos que ser uma estrela do cinema, rica e famosa, não é tudo o que parece ser. Deve ser difícil, especialmente em momentos como este.

Sua compreensão deixou um nó na garganta de Rebecca.

— É, às vezes — ela concordou.



— A boa notícia é que ninguém pode se aproximar da senhorita enquanto estiver filmando. A propriedade particular ao redor da casa se estende por algumas centenas de acres, e há uns oitocentos metros de distância entre a entrada e o imóvel.

Rebecca percebeu que haviam chegado a um portão de ferro largo com um segurança de plantão ao lado. Graham fez um sinal e o guarda abriu os portões. Rebecca olhou maravilhada enquanto passavam por um gramado salpicado de carvalhos antigos, castanheiras-da-índia e faias à margem da estrada.

Logo adiante havia uma casa grande, na verdade quase um palácio, do tipo que ela havia visto apenas em livros e programas históricos na televisão. Uma confecção barroca de pedra talhada e colunas caneladas.

— Uau — ela sussurrou.

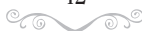
— É espetacular, não é? Mas odeio pensar em quanto custa esquecer tudo isso — Graham brincou.

Enquanto se aproximavam e Rebecca admirava uma grande fonte de mármore em frente à casa, ela desejava saber os termos arquitetônicos corretos para descrever aquela beleza. A simetria graciosa da construção, com duas alas elegantes margeando um domo central, era de tirar o fôlego. A luz do sol refletia em janelas panorâmicas, com proporções perfeitas como joias ao longo de toda a fachada e entalhes de querubins e urnas nas pedras entre elas. Sob o gigantesco pórtico central, apoiada por quatro colunas enormes, ela viu uma magnífica porta dupla de madeira.

— Feita para uma rainha, não? — Graham disse, manobrando ao redor da casa até um pátio lateral, repleto de vans e caminhões. Uma confusão de pessoas carregando câmeras, luzes e cabos para dentro da casa. — Me disseram que pretendem começar a filmar amanhã — ele acrescentou, estacionando.

— Obrigada — Rebecca agradeceu ao sair do carro, e Graham foi até o porta-malas pegar sua bagagem.

— Isso é tudo o que a senhorita trouxe? Estrelas de cinema normalmente trazem contêineres em vez de malas — ele brincou, bem-humorado.



— Arrumei as malas com pressa — Rebecca admitiu enquanto o seguia pelo pátio em direção à casa.

— Apenas lembre-se, Senhorita Bradley, que estou de plantão durante toda a filmagem. Então, se houver algum lugar onde queira ir, me avise, certo? Foi um prazer conhecê-la.

— Ah, você conseguiu! — Um homem jovem e magro caminhou a passos largos em sua direção. Ele estendeu uma mão para Rebecca. — Bem-vinda à Inglaterra, Senhorita Bradley. Meu nome é Steve Campion, gerente de produção. Lamento saber que precisou passar por um corredor polonês composto pela nossa imprensa barata. Você está livre deles aqui, pelo menos.

— Obrigada. Você sabe quando poderei ir para o hotel? Preciso tomar um banho, dormir um pouco. — Rebecca se sentia descabelada e cansada da viagem.

— Claro. Não queríamos que a senhorita passasse por outro martírio no hotel depois do que aconteceu no aeroporto esta manhã — Steve disse. — Por enquanto, Lorde Astbury, muito gentilmente, ofereceu um quarto na casa até encontrarmos uma alternativa — Steve indicou a mansão e sorriu. — Como deve ter notado, ele tem alguns quartos sobrando. Robert, o diretor, está ansioso para começar as filmagens amanhã e não queria que sua concentração fosse prejudicada, nem a dos atores que estão no hotel.

— Sinto muito por ter causado este estardalhaço — Rebecca lamentou, enrubescendo com uma onda repentina de culpa.

— Não se preocupe, é o que ganhamos por ter uma atriz jovem e tão famosa no filme. A governanta disse para procurar por ela quando a senhorita chegasse, e ela mostrará seu quarto. Há uma convocação para que todo o elenco se reúna na sala de visitas às cinco da tarde, o que significa que a senhorita pode dormir por algumas horas.

— Obrigada — Rebecca repetiu, notando o timbre de voz de Steve. Ela já foi rotulada como “problema” e tinha certeza de que o resto do elenco de atores britânicos talentosos, nenhum com uma fama ou a arrecadação que pudesse se comparar às suas, concordariam com ele.



— Espere aqui. Vou procurar a Senhora Trevathan — Steve disse, deixando Rebecca parada desconfortavelmente no pátio, observando a equipe de câmeras passar com seu equipamento.

Um minuto depois, uma mulher de meia-idade, rechonchuda, com cabelos grisalhos cacheados e pele rosada saiu pela porta e veio em sua direção.

— Senhorita Rebecca Bradley?

— Sim.

— Bem, claro que sim, querida. — A mulher abriu um sorriso largo. — Reconheci você imediatamente. E, me deixe dizer, você é ainda mais bonita pessoalmente. Já vi todos os seus filmes. É um prazer conhecê-la. Sou a Senhora Trevathan, a governanta. Vou levá-la até o seu quarto. É uma longa caminhada. Graham levará sua mala mais tarde — ela acrescentou quando Rebecca colocou a mão na alça. — Você não pode imaginar quantos quilômetros eu caminho por dia.

— Provavelmente não — Rebecca concordou, com dificuldade para entender o sotaque carregado de Devon. — Esta casa é incrível.

— Menos incrível agora, que somos apenas eu e alguns funcionários diaristas cuidando dela. Estou cansada. Há muitos anos havia trinta pessoas trabalhando aqui em período integral, mas as coisas estão diferentes agora.

— Suponho que sim — Rebecca disse enquanto a Sra. Trevathan a levava por uma série de portas até uma cozinha enorme, onde uma mulher com uniforme de enfermeira estava sentada à mesa, tomando café.

— A escada dos criados é o caminho mais rápido da cozinha até os quartos — a Sra. Trevathan explicou, levando Rebecca por um lance de escadas estreito e íngreme. — Escolhi um quarto para você nos fundos da casa. Tem uma vista encantadora dos jardins e da vegetação. Você tem sorte que o Lorde Astbury tenha concordado em oferecer um quarto aqui. Ele não gosta de visitas. É Triste... Umas quarenta pessoas dormiam confortavelmente nesta casa, mas esses dias acabaram.

Finalmente, elas chegaram a um espaçoso mezanino. Rebecca olhou para cima, maravilhada com a cúpula do domo, depois seguiu a Sra. Trevathan por um corredor largo e escuro.



— Você fica aqui — ela disse, abrindo a porta de um quarto espaçoso, com pé-direito alto, dominado por uma cama de casal. — Abri as janelas para arejar o quarto, então está um pouco gelado. Se bem que é melhor que o cheiro de umidade. Tem uma lareira elétrica que você pode ligar, caso sinta frio.

— Obrigada. Onde é o toailete?

— Você quer dizer o banheiro, querida? — a Sra. Trevathan perguntou, com um sorriso. — A segunda porta à esquerda, do outro lado do corredor. Não fizemos suítes ainda. Agora vou deixar você descansar.

— Seria possível tomar um copo de água? — Rebecca indagou, timidamente.

A Sra. Trevathan parou a meio caminho da porta, então se virou, seu rosto mostrando compreensão. — Claro, você acabou de chegar. Já comeu alguma coisa?

— Não, não consegui encarar o café da manhã no avião.

— Então que tal um chá com torradas? Você está um pouco pálida.

— Seria ótimo — Rebecca agradeceu, sentindo uma vertigem e se sentando abruptamente em uma poltrona ao lado da lareira fria.

— Certo, vou providenciar. — A governanta olhou para Rebecca, pensativa. — Você é só uma garotinha debaixo de todo esse glamour, não é, querida? Bem, descanse. Eu te vejo logo. — Ela sorriu com bondade e deixou o quarto.

Pouco tempo depois, Rebecca caminhava pelo corredor e, após abrir portas de quartos e armários por engano, encontrou um banheiro amplo com uma antiga banheira de ferro no centro. Uma corrente de metal enferrujada estava pendurada na cisterna acima do vaso sanitário. Depois de beber um pouco de água da torneira, ela voltou para o quarto. Foi até a janela e observou a vista. O jardim do outro lado de uma varanda espaçosa, que ladeava toda a parte dos fundos da casa, era claramente bem cuidado. Plantas com flores e arbustos cresciam em abundância, suas florescências multicoloridas suavizando o verde do gramado central. Do outro lado de uma sebe de teixos, que rodeava o jardim formal, estava a vegetação, sua irregularidade em contraste



direto com a superfície plana e modelada do jardim. Tirando os sapatos, Rebecca se deitou na cama, sobre um colchão amaciado por anos de uso.

Quando a Sra. Trevathan bateu de leve na porta, dez minutos depois, e entrou no quarto, encontrou Rebecca dormindo. Deixando a bandeja sobre a mesa ao lado da lareira, ela cobriu a atriz gentilmente com uma colcha e deixou o quarto em silêncio.



2



— Senhoras e senhores, é um prazer receber a todos em Astbury Hall, que, tenho certeza de que vocês vão concordar, é o cenário perfeito para as filmagens de *O Silêncio da Noite*. Me sinto honrado em ter permissão para gravar em uma das mais belas mansões da Inglaterra e espero que nosso tempo aqui seja feliz e produtivo.

Robert Hope, o diretor, sorriu para seu elenco.

— Penso que estas velhas paredes tremem de emoção diante desse leque de talento e experiência que abriga no momento. Muitos de vocês já se conhecem, mas eu gostaria de estender uma saudação especial a Rebecca Bradley, que vem da América para se juntar à equipe e acrescentar um toque do brilho hollywoodiano a nós, britânicos antiquados.

Todos os olhares da sala se voltaram para Rebecca, que se escondia em um canto, abalada pela presença de tantos ícones britânicos.

— Olá — ela disse, enrubescendo e sorrindo para a sala.

— Vou deixar vocês agora com Hugo Manners, cujo roteiro maravilhoso exigirá o melhor de todos — Robert continuou. — Logo vocês receberão a versão final do roteiro, ainda quente da impressão. Steve, nosso gerente de produção, também vai distribuir a programação. Então, tudo o que me resta dizer é: que as filmagens de *O Silêncio da Noite* sejam um sucesso. Agora, aqui está Hugo.

Depois de uma salva de palmas, Hugo Manners, roteirista vencedor do Oscar, tomou seu lugar. Rebecca não ouviu tudo o que ele disse, de repente se sentindo oprimida pela responsabilidade que assumiu. O so-

taque inglês era o que mais a preocupava; ela teve aulas de dicção e pronúncia em Nova York e fez o possível para falar diariamente como uma inglesa nos últimos dois meses. Mas sabia muito bem que, ao aceitar o papel, havia colocado as cartas na mesa e poderia muito bem perder a aposta. Não havia nada que a mídia britânica gostasse mais do que aniquilar o desempenho de uma atriz americana em um papel inglês. Especialmente se essa atriz tivesse tanto sucesso comercial quanto Rebecca.

Não importa que tenha ganhado uma bolsa para a Juilliard, a mais conceituada escola de teatro de Nova York, ou que tenha recebido o prêmio de melhor atriz por sua interpretação de Beatrice em uma produção de *Muito Barulho Por Nada*, de Shakespeare. Toda atriz de Hollywood se considera “séria” mesmo quando migra da carreira de modelo, o que Rebecca definitivamente não fez. Enfim, ela sabia que essa era a chance de provar a si mesma seu talento como atriz clássica, de dar um salto rumo ao reconhecimento da crítica.

Houve uma segunda salva de palmas quando Hugo terminou de falar e Steve, o gerente de produção, começou a distribuir o novo roteiro e as programações individuais.

— Você ficará contente por saber que não precisa estar no set amanhã, Rebecca. Você vai passar a manhã no figurino com a estilista e sua equipe para tirar as medidas e, depois disso, o pessoal de cabelo e maquiagem quer te ver. Robert sugeriu que você também tenha uma hora com o preparador vocal para repassar as falas do seu primeiro dia de filmagens.

— Ótimo. Você sabe quando vou poder ir para o hotel? Gostaria de desfazer a mala e me acomodar.

— Parece que os fotógrafos ainda estão por lá. Então, por hoje, o Lord Astbury concordou com Robert em deixar você ficar aqui enquanto tentamos encontrar um lugar mais discreto. Sortuda — Steve acrescentou, sorrindo. — É um pouco mais luxuoso aqui do que o quarto em cima do pub onde eu fui colocado. Isso significa que você tem uma chance real de aproveitar a atmosfera daqui.

Um homem notavelmente atraente, com feições bem delineadas, se aproximou e estendeu a mão.



— Senhorita Bradley, presumo. Meu nome é James Vaughn. Interpreto o Lawrence e acredito que temos uma série de, como posso dizer, cenas íntimas juntos — ele piscou, e Rebecca notou seu charme natural e olhos azuis expressivos, que certamente colaboraram para colocar James à frente dos jovens atores britânicos.

— Estou feliz por conhecê-lo, James — ela respondeu, levantando-se para apertar sua mão.

— Coitadinha — ele comentou. — Você deve estar cansada. Mal chegou dos Estados Unidos e já precisa enfrentar o frenesi provocado pelo seu noivado com Jack Heyward.

— Eu... — Rebecca não sabia como responder. — Suponho que sim — completou.

— Aliás, parabéns. — James ainda estava segurando sua mão. — Ele é um homem de sorte.

— Obrigada — ela respondeu, formalmente.

— E se, em algum momento, você pensar em ensaiar nossas cenas antes das filmagens, por favor, não hesite em me informar. Cá entre nós, estou apreensivo — confessou. — Trabalhar com todos esses eruditos da indústria do cinema e do teatro é meio intimidador.

— Eu sei — Rebecca concordou, sentindo-se um pouco mais confortável com ele.

— Bem, tenho certeza de que será ótimo, e, se você quiser um pouco de companhia enquanto estiver presa aqui neste meio do nada, me chame.

— Ok, obrigada — James olhou para Rebecca mais uma vez, soltando sua mão e se afastando.

Tímida demais para se misturar com os outros atores, Rebecca se sentou e estudou sua programação, pensando como, em uma curta conversa, James conseguiu parabenizá-la pelo noivado e deixar bem claro que gostaria de vê-la fora do set.

— Rebecca, o elenco e a equipe retornarão para o hotel para jantar em alguns minutos — Steve apareceu a seu lado. — A equipe do bufê



chega amanhã de manhã, então vou pedir para sua nova melhor amiga, a Senhora Trevathan, providenciar uma refeição para você na cozinha. Ela está encantada e disse que você precisa se alimentar.

— Ela é muito gentil. Quero ler o novo roteiro, de qualquer forma — ela respondeu.

— Você está bem, Rebecca? — Os olhos de Steve demonstravam preocupação.

— Sim, só sentindo um pouco *o jet lag*, e, para ser honesta, emocionada por conhecer tantos atores incríveis. Tenho medo de não passar no teste — confessou.

— Entendo. Não sei se ajuda, mas trabalho com Robert há muitos anos e ele nunca cometeu erros ao escalar o elenco de um filme. Sei que ele admira muito suas habilidades como atriz. Se não admirasse, não importa o tamanho de sua fama, você não estaria aqui. Tubo bem?

— Sim, obrigada por dizer isso, Steve — Rebecca respondeu, com sinceridade.

— Bem, então te vejo amanhã. Aproveite a noite no seu palácio. Ninguém vai aborrecê-la aqui, com certeza.

Steve se afastou e começou a tirar o elenco da sala de visitas. Quando todos haviam partido, Rebecca se levantou e observou atentamente a sala pela primeira vez. O brilho do sol de julho se infiltrava pelas janelas colossais, suavizando a austeridade da mobília de mogno que preenchia a sala. Sofás e poltronas estavam espalhados pelo cômodo, e uma grade lareira de mármore era a peça central. Rebecca tremeu, sentindo o frescor repentino da noite e desejando que a lareira estivesse acesa.

— Aí está você, querida. — A Sra. Trevathan apareceu por uma porta e atravessou a sala para se aproximar de Rebecca. — Steve me disse que você quer jantar. Tenho uma fatia de torta e algumas batatas que sobraram do almoço do Lorde Astbury.

— Batatas?

— Batatas, querida. — A Sra. Trevathan sorriu.

— Não estou com muita fome, talvez só uma salada.



— Entendo. — A governanta a fitou com os olhos arregalados. — Julgando por sua aparência, você deve viver de dieta. Se não se importa que eu diga, Senhorita Rebecca, um vento forte poderia te carregar.

— Tenho que ter cuidado, sim — Rebecca respondeu, envergonhada com a boa intenção da governanta.

— Como desejar, mas você ficaria bem melhor com uma refeição adequada. Devo levar o jantar para o seu quarto?

— Seria muita gentileza sua, obrigada.

Quando a governanta a deixou, Rebecca franziu a testa diante do instinto da Sra. Trevathan quanto a seus hábitos alimentares. Não havia como negar que ela se preocupava com o que comia, mas o que podia fazer? Sua carreira dependia de um corpo esbelto.

Deixou a sala de visitas e foi até o saguão, onde a grande escadaria a levaria a seu quarto. Parando, ela olhou mais uma vez para o domo acima, os pequenos painéis de vidro instalados nas bordas permitindo a entrada de feixes de luz que chegavam ao chão de mármore sob seus pés.

— Boa noite.

Rebecca deu um pulo ao ouvir uma voz masculina e profunda. Olhou fixamente para o homem parado à porta de entrada, vestindo um casaco de tweed e uma calça de veludo gasta, com a barra dentro de galochas. Seu cabelo crespo e despenteado estava ficando grisalho e precisava de um corte. Ele parecia ter cinquenta e poucos anos.

— Olá — ela respondeu, incerta.

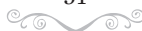
— Meu nome é Anthony. Você é...?

— Rebecca. Rebecca Bradley.

— Ah — seus olhos brilharam com reconhecimento. — A americana estrela de cinema. Me disseram que é muito famosa, mas receio que nunca ouvi falar de você. Filmes não são do meu interesse. Desculpe. — Ele chacoalhou os ombros.

— Por favor, não se desculpe. Não há razão alguma para ter ouvido falar de mim.

— Não. Mas devo ir agora. — O homem se apoiava em um pé, depois



em outro, claramente desconfortável. — Tenho que fazer algumas coisas lá fora antes que a luz acabe. — Ele fez um gesto com a cabeça em sua direção antes de desaparecer pela porta.

Rebecca atravessou o saguão e subiu as escadas, admirando os retratos pintados a óleo de gerações de Astbury cobrindo as paredes. A Sra. Trevathan apareceu no topo da escada com uma bandeja e seguiu Rebecca até seu quarto.

— Aqui está, querida. Providenciei um pouco de sopa, pão fresco e manteiga. Ah, e também coloquei uma fatia da minha torta bakewell, com creme — ela acrescentou, removendo a tampa da tigela da torta com um floreio.

— Obrigada.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Não. Obrigada. Esta casa é realmente magnífica, não é?

— É sim, querida. E você não sabe os sacrifícios que são necessários para mantê-la. — A Sra. Trevathan suspirou, resignada.

— Posso imaginar. A propósito, encontrei o jardineiro no térreo — Rebecca informou.

— Jardineiro? — A governanta ergueu uma sobrancelha. — No térreo, *dentro* da casa?

— Isso.

— Bem, há um sujeito que vem uma vez por semana aparar a grama. Talvez estivesse procurando o Lorde Astbury. Certo, melhor deixar você jantar em paz. A que horas você gostaria de tomar o café da manhã?

— Geralmente não como no café, mas suco de fruta e iogurte seria ótimo.

— Vou ver o que posso fazer. — A desaprovação da Sra. Trevathan ficou óbvia quando se encaminhou para a porta, mas ela se virou e sorriu para a jovem ao sair. — Boa noite, querida. Durma bem.

— Boa noite.

Rebecca saboreou a sopa de batata com alho-poró e comeu o pão todo com muita manteiga. Apesar disso, ainda estava com fome e provou a estranha torta da Sra. Trevathan. Descobrimo que era deliciosa, comeu tudo e se jogou na cama, se sentindo culpada e sabendo que não deveria criar o hábito de devorar comida inglesa pesada, independentemente de ser saborosa.



Quando seu estômago se acalmou, Rebecca rolou na cama, procurando a bolsa. Pegando o telefone com hesitação, ligou o aparelho. Pressionou o botão para ouvir suas mensagens e colocou o telefone no ouvido. A chamada não foi completada e, ao verificar a tela, ela viu que não havia sinal. Ao pegar o seu iPad, notou que também não havia redes disponíveis.

O vislumbre de um sorriso apareceu em seus lábios. Naquela mesma manhã, desejou estar em algum lugar onde ninguém pudesse encontrá-la, e, ao que parecia, pelo menos por uma noite seu desejo foi realizado. Rebecca se deitou e olhou para o crepúsculo que se aproximava, o sol lentamente desaparecendo no horizonte, na várzea além do jardim. Percebeu que tudo o que podia ouvir era o silêncio.

Pegando o roteiro que estava na mesa de cabeceira, Rebecca começou a ler. Ela interpretaria Lady Elizabeth Sayers, a bela filha da casa. O ano era 1922, e a Era do Jazz estava no auge. Seu pai estava determinado a arranjar seu casamento com um vizinho proprietário de terras, mas Elizabeth tinha outras intenções. O filme abordava a aristocracia britânica em um mundo em transformação, onde as mulheres começavam a dar pequenos passos rumo à emancipação e as classes trabalhadoras não aceitavam mais a subordinação perante a aristocracia. Elizabeth apaixonava-se por um poeta, Lawrence, que conheceu no cenário boêmio de Londres. A escolha entre desonrar os pais e seguir seu coração era uma história antiga. Ainda assim, no roteiro espiritualoso e comovente de Hugo Manners, era um papel precioso e raro.

Como sempre, a programação das filmagens não era cronológica em relação à trama, e Rebecca gravaria sua primeira cena em dois dias, com James Waugh, que fazia no papel do poeta. Estava prevista para ser filmada no jardim e incluía um beijo ardente. Rebecca respirou fundo. Não importa o quanto fosse profissional, ou quantas vezes fosse seduzida na frente das câmeras, sempre tinha receio de gravar cenas românticas com protagonistas que ela mal conhecia.

Com o canto dos olhos, ela notou um movimento no jardim. Aproximando-se da janela, viu o jardineiro sentado em um banco. Mesmo de onde estava, Rebecca sentiu que ele possuía um ar de solidão, algo triste.



A atriz observou enquanto ele ficou lá sentado, imóvel como uma estátua, olhando fixamente para o crepúsculo que chegava.

Depois de um banho, Rebecca se deitou sob lençóis ásperos e brancos. Deitada ali, pensando em suas falas e praticando o sotaque britânico dos anos 1920, ela se deu conta de como, naquela noite, realmente vivia no mundo em que o filme era ambientado. Tão pouco parece ter mudado na casa desde aquela época que era quase perturbador.

Vendo que passava das dez, mas convencida de que não conseguiria dormir por casa do *jet lag*, Rebecca apagou a luz. Para sua surpresa, dormiu profundamente a noite toda, acordando apenas quando a Sra. Trevathan apareceu logo cedo com uma bandeja de café da manhã.

Às dez em ponto, ela desceu as escadas e procurou pela equipe de figurino. Jean, a estilista escocesa, a examinou:

— Minha querida, você foi feita para essa época histórica. Tem até um rosto clássico. Tenho uma surpresa para você.

— Sério?

— Claro. Estava conversando com a governanta ontem e ela me disse que há uma coleção de vestidos antigos da década de 1920 em um dos quartos. Parece que pertenciam a uma parenta do Lorde Astbury falecida há muito tempo e que permaneceram intocados ao longo dos anos. Perguntei se poderia dar uma espiada, claro que apenas por interesse profissional, obviamente — ela piscou para Rebecca. — Eu queria ver se alguma coisa adequada serviria em você. Seria magnífico usá-los no filme.

— Seria mesmo — Rebecca concordou.

— E olha só isso... — Com ostentação, Jean abriu uma cortina de seda que escondia vários cabides.

Rebecca perdeu o fôlego ao ver uma série de vestidos finos.

— Uau. Eles são incríveis.

— E perfeitamente preservados. Você nunca diria que têm noventa anos. Muitos deles foram desenhados pelos melhores estilistas franceses da época, como Lanvin, Vionnet e Patou. Que tesouro — Jean declarou, enquanto as duas vasculhavam os itens, admirando vestidos fabulosos.



— Poderiam ser vendidos por uma fortuna em qualquer leilão. Mal posso esperar para ver você provar e ver quais lhe servem. De acordo com suas medidas, deveriam servir. Parece que a proprietária original tinha o corpo parecido com o seu.

— Mas vou ter permissão para usá-los, mesmo que sirvam? — Rebecca perguntou.

— Quem sabe? A governanta parecia duvidar, mas disse que perguntaria ao Lorde Astbury. A primeira coisa a fazer é experimentar e esperar para ver o que acontece. Agora... — Jean tirou um dos vestidos do cabide. — Que tal este para a primeira cena com James Waugh, amanhã?

Dez minutos depois, Rebecca estava admirada com sua imagem no espelho. Não vestia um figurino de época desde seus dias na Juilliard; seus papéis em Hollywood foram todos de mulheres jovens e contemporâneas, mais habituadas com calças jeans e camisetas. O vestido Lanvin era de seda revestido com chiffon e bordado a mão. A saia, com a barra em pontas, flutuava suavemente ao redor de seus calcanhares quando ela se movia.

— Certo, mesmo que seja preciso cair de joelhos e implorar, vou convencer o Lorde Astbury a alugar algumas dessas peças — Jean disse, com determinação. — Vamos provar o próximo.

Depois que Rebecca desfilou uma série de vestidos fabulosos, todos servindo perfeitamente, Jean abriu um enorme sorriso.

— Ótimo, acho que terminamos. Vou falar com a governanta assim que possível. Querida, você vai ficar um sonho — comentou, antes de ajudar Rebecca a tirar o último vestido. — Assim que a equipe de cabelo e maquiagem terminar, você será uma verdadeira beleza dos anos 1920! — Jean deu uma piscadinha marota para Rebecca antes de continuar. — Eles estão no corredor à direita.

— Acho que preciso de um GPS nesta casa — Rebecca disse, sorrindo, ao se dirigir à porta. — Vivo me perdendo.

Ela deixou o figurino e caminhou pelo corredor até encontrar a equipe de cabelo e maquiagem. Assim que se sentou em uma cadeira na frente do espelho, uma das profissionais pegou uma mecha de seu cabelo, espesso e escuro.

— O que acha de cortar e colorir amanhã? — ela perguntou.



Esse foi um ponto de divergência com seu agente, Victor, quando ela recebera o contrato; foi exigido que seus longos cabelos fossem cortados no estilo mais curto dos anos 1920 e tingidos de loiro para combinar com a atriz interpretaria sua mãe.

— Suponho que sim — Rebecca deu de ombros. — Vai crescer de novo, não vai?

— Claro que vai. Assim que terminarem as filmagens, podemos facilmente voltar à cor original. É bom ver que você não é sentimental com isso — a cabeleireira disse, com aprovação. — Muitas atrizes são. Além disso, pode ser que você goste; você tem traços perfeitos para um estilo mais curto.

— E talvez ninguém me reconheça se eu ficar loira — Rebecca ponderou.

— Infelizmente, acho que isso não vai te ajudar — a maquiadora interrompeu, se sentando à frente de Rebecca. — O seu rosto sempre vai entregar sua identidade. E aí, como é o Jack Heyward pessoalmente? Ele é um deus na tela. Ele acorda daquele jeito? — ela brincou.

Rebecca pensou um pouco.

— Até que ele é bem bonitinho quando acorda.

— Aposto que é. — A maquiadora sorriu. — Tenho certeza de que você não consegue acreditar que vai se casar com ele.

— Sabe de uma coisa? Você está certa. Não *consigo* acreditar. Vejo vocês amanhã bem cedo para o corte! — Sorrindo para disfarçar a ironia de suas palavras, Rebecca se levantou e acenou para as duas antes de deixar a sala. Checou o relógio e viu que ainda eram três horas, o que significava que tinha duas horas antes do encontro com o preparador vocal.

Uma das camareiras do figurino havia dito que era possível conseguir sinal no celular caminhando na direção da várzea, então Rebecca foi até o quarto pegar o telefone. As filmagens já haviam começado na sala de visitas, e, ao sair por uma porta lateral da sala de jantar, que levava à varanda, Rebecca sentiu o estômago dar um nó ao pensar que amanhã seria *ela* na frente das câmeras.

Descendo os degraus calçados de pedras de demolição até o jardim, Rebecca o atravessou e caminhou a passos rápidos. Sentada no mesmo



banco onde vira o jardineiro na noite anterior, ela ligou o telefone, mas o sinal oscilava entre uma barra e nada.

— Droga! — exclamou, quando não conseguiu acessar sua caixa de mensagens mais uma vez.

— Está tudo bem?

Rebecca se assustou com a voz e olhou em direção ao canteiro de rosas, onde o jardineiro estava segurando uma tesoura de poda.

— Estou bem, obrigada. Só não consigo sinal no telefone.

— Lamento. Péssima cobertura por aqui.

— Talvez não seja tão ruim ficar sem telefone. Na verdade, até que estou gostando — confessou. — Você gosta de trabalhar aqui? — ela perguntou, educadamente.

Ele olhou para ela de modo estranho, então consentiu com a cabeça.

— Nunca pensei desse modo, mas suponho que sim. Não consigo imaginar viver em outro lugar.

— Deve ser o sonho de um jardineiro. Aquelas rosas são magníficas. Cores lindas, especialmente esta que você está podando. Um vermelho aveludado tão profundo que parece quase negro.

— É — ele concordou. — Chama-se Rosa da Meia-Noite e é uma planta bem misteriosa. Está aqui há tanto tempo quanto eu, e já devia ter morrido há muitos anos. Mas todo ano, sem falta, floresce como se tivesse sido plantada recentemente.

— Tudo o que tenho no meu apartamento são plantas para interiores — Rebecca comentou.

— Você gosta de jardinagem, então?

— Quando eu era criança, tinha um canteiro só meu no jardim dos meus pais. Era o meu lugar de conforto.

— Tem alguma coisa especial em cuidar da terra que ajuda a afastar as frustrações — o jardineiro disse, concordando mais uma vez com a cabeça. — O que está achando daqui, em comparação com os Estados Unidos?

— É diferente de qualquer outro lugar onde já estive. Há anos eu não tinha uma noite de sono tão boa. É tão tranquilo. Mas vão me levar para um



hotel mais tarde. Acho que o Lorde Astbury não gosta de visitas. Para ser sincera, eu queria poder ficar — Rebecca confessou. — Me sinto segura aqui.

— Bem, nunca se sabe. O Lorde Astbury pode mudar de ideia. A propósito — ele continuou —, se pedir à Senhora Trevathan, você pode usar o telefone fixo no escritório dele.

— Ok, obrigada. Vou pedir — Rebecca disse, se levantando. — Vejo você por aí.

— Aqui. — O jardineiro lhe ofereceu um botão perfeito de Rosa da Meia-Noite. — Uma coisa bonita para você admirar no seu quarto. O perfume é notável.

— Obrigada — Rebecca agradeceu, sensibilizada com o presente. — Vou colocar na água imediatamente.

Finalmente encontrando a Sra. Trevathan na cozinha, Rebecca explicou que precisava de um vaso para a rosa e que o jardineiro lhe dissera que havia um telefone no escritório. A governanta a levou até um pequeno quarto escuro, alinhado com estantes de livros e montes de papéis desarrumados sobre a escrivaninha.

— Aí está, mas não demore muito se a ligação for para a América. O Lorde Astbury já fica nervoso com a conta do telefone sem chamadas internacionais.

Assim que a governanta deixou o escritório, Rebecca pensou que “aquela nobreza” de Lorde Astbury deveria ser um ogro.

Depois de se sentar e encontrar o número correto em seu celular, ela pegou o fone de um aparelho antiquado, com um disco. Assim que entendeu o que precisava fazer, inseriu o dedo em cada buraco, um por um, girando o disco para ligar para Jack. Rebecca se sentiu aliviada quando a ligação caiu imediatamente na caixa postal.

— Oi, sou eu. Estou em um lugar sem internet e sem sinal de celular. Vou me mudar para um hotel mais tarde, então te ligo depois. Aliás, estou bem. Eu... — Rebecca parou, pensando no que dizer, mas era um assunto tão complexo que não havia palavras. — Telefone logo. Tchau.

Pegando o fone do gancho mais uma vez e ligando para Victor, seu agente, também foi atendida pela caixa postal e deixou uma mensagem parecida.



Rebecca saiu do escritório à procura de Steve, decidida a descobrir exatamente onde ficaria hospedada durante as filmagens. Encontrou-o ao lado da van de alimentação, montada no pátio ao lado da casa.

— Eu sei, eu sei, Rebecca, você quer saber para onde vai — Steve disse, obviamente aborrecido. — Na verdade, eu estava prestes a te procurar com boas notícias. O Lorde Astbury veio me ver há cinco minutos e disse que você pode ficar aqui enquanto durarem as filmagens. Estou meio surpreso, já que antes ele era contrário à ideia — Steve observou. — Havíamos encontrado uma pousada discreta em uma das vilas da região, mas, para falar a verdade, as acomodações não são do padrão com o qual você está acostumada. E não há garantias de que os *paparazzi* não a encontrarão lá. Então, a decisão é sua.

— Certo, posso pensar um pouco? — Mesmo amando a segurança e a tranquilidade de suas acomodações atuais, tinha receio de coabitar a mansão com o, até então, invisível Lorde Astbury.

— Claro — Steve falou em seu walkie-talkie. — Com licença, Rebecca. Precisam de mim lá no set.

De volta a seu quarto, Rebecca estudou suas falas como preparação para a aula dali a meia hora com o preparador vocal. Ela se levantou e olhou pela janela. Realmente se sentia segura ali. Mais que tudo, precisava de paz e sossego para se concentrar em sua atuação. Esse papel seria o ápice ou a ruína de sua carreira.

Depois da sessão com o preparador vocal, Rebecca encontrou Steve na varanda e afirmou que seria um prazer ficar em Astbury Hall.

— Diante das circunstâncias, acho que talvez seja a melhor coisa a fazer — Steve respondeu, aliviado com a solução do problema. — A Senhora Trevathan disse que ficará feliz em providenciar suas refeições à noite. Parece que ela te adotou. — Ele riu.

— Ah, é raro eu comer à noite, então...

— Olá — disse uma voz atrás deles.

Rebecca viu o jardineiro subindo as escadas da varanda e se dirigindo a eles.

— Boa tarde, Lorde Astbury. Rebecca disse que gostaria de ficar — Steve declarou. — É muita gentileza sua abrir uma exceção para ela.



— Anthony, por favor — o homem respondeu.

Chocada, Rebecca olhou primeiro para Steve, depois para Anthony.

— Talvez ao entardecer, Senhorita Bradley, quando todos forem embora, você queira me ajudar com o jardim — ele disse, com um brilho irônico no olhar.

— Eu... *Você é o Lorde Astbury?* — ela gaguejou.

— Sim, mas, como acabei de dizer ao Steve, todos me chamam de Anthony.

Rebecca sentiu o sangue subir para seu rosto.

— Estou envergonhada, não sabia que era você.

— Não, mas talvez eu não corresponda à imagem que você criou de mim — Anthony respondeu, sereno. — Infelizmente, os membros empobrecidos da aristocracia precisam sujar as mãos. Chega de gravatas e trajes de gala para nós. Agora, se vocês me dão licença, preciso cuidar de alguns arbustos.

Ele se virou e seguiu para o outro lado da casa.

— Ah, Rebecca — Steve tombou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. — Clássico! Não sei como é nos Estados Unidos, mas a aristocracia moderna aqui na Inglaterra tende a ser a parte mais desmazelada da sociedade. Usar roupas gastas e dirigir latas velhas se tornou um distintivo de honra. Nenhum nobre de respeito pensaria em se vestir com elegância na própria casa. Simplesmente impossível.

— Entendo — Rebecca respondeu, se sentindo tola e alienada.

— De qualquer modo, parece que sua ignorância não causou nenhum mal — ele continuou. — Garantiu um convite para ficar aqui indefinidamente.

James Waugh apareceu e foi até eles.

— Rebecca, eu queria perguntar: você está ocupada esta noite? Pensei em te convidar para comer alguma coisa e nos conhecermos um pouco melhor. Temos nossa primeira cena amanhã de manhã e é meio, como posso dizer, pessoal. — Ele sorriu maliciosamente.

— Na verdade, eu estava pensando em ir para a cama cedo — ela respondeu.

— Tenho certeza que Graham pode te pegar depois, então ainda dá para fazer isso.



— Eu... Melhor não. A imprensa...

— Foram embora hoje de manhã — James informou. — E você não pode deixar esse negócio de celebridade atrapalhar sua atuação, certo?

— Não. Tudo bem — Rebecca finalmente concordou, não querendo parecer indiferente.

— Ótimo — James sorriu. — Te vejo às oito no hotel. E não se preocupe, vou pedir uma mesa discreta.

Depois que James se foi, os olhos de Steve brilharam em direção a Rebecca.

— Acho que você acertou aquele alvo. Cuidado com ele. James tem reputação de garoto-problema.

— Vou tomar cuidado. Obrigada, Steve. — Ela o deixou, caminhando com a cabeça erguida.

De volta ao quarto, alguém bateu à porta.

— Entre.

— Desculpe incomodar — a Sra. Trevathan disse. — Me disseram que você conheceu o Lorde Astbury.

— Sim, é verdade — Rebecca murmurou, enquanto continuava a pendurar alguns itens no velho guarda-roupa de mogno.

— Eu ajudo — a Sra. Trevathan ofereceu.

— Não, está tudo bem, eu...

— Sente-se. Podemos conversar enquanto arrumo isso.

Rebecca consentiu e se sentou na beirada da cama enquanto a Sra. Trevathan guardava os outros itens de sua mala.

— Você não trouxe muita coisa, não é, querida? — ela comentou. — Bem, vim dizer que o Lorde te convidou para jantar com ele hoje à noite. Ele janta às oito em ponto.

— Ah, não. Lamento, mas não posso. Já tenho um compromisso.

— Entendo. Bem, o Lorde ficará decepcionado. Justo depois que ele foi tão gentil por deixar você ficar aqui.

Rebecca percebeu a reprovação no tom de voz da governanta.

— Por favor, transmita minhas desculpas e diga que será um prazer jantar com ele outra noite — sugeriu.



— Claro. Ele não gosta que outras pessoas assumam o controle da sua casa. O Lorde Astbury precisa de sossego, muito sossego. Mas a necessidade nos leva a agir contra a nossa vontade.

— Como assim?

— Quero dizer, querida, que ele está precisando do dinheiro do filme para manter a casa — a Sra. Trevathan explicou, esclarecendo sua declaração anterior.

— Entendi. O Lorde Anthony tem família? — Rebecca hesitou ao perguntar.

— Não, não tem.

— Ele vive aqui sozinho?

— Isso. Certo, tudo pronto. Então, te vejo pela manhã. Bem cedo, ouvi dizer. Não volte muito tarde, querida. Você precisa estar bem descansada para amanhã.

— Prometo que chego cedo. Obrigada, Senhora Trevathan — Rebecca sabia que a velha governanta agia como sua mãe, mas era uma sensação reconfortante.

A infância era uma época que Rebecca não gostava de recordar. Poucas pessoas conheciam seu passado, e seu agente não estava entre elas. Uma noite, quando ela e Jack tiraram férias curtas em uma Nantucket tempestuosa, ela lhe falou a verdade.

Ele a abraçou enquanto chorava, carinhosamente enxugando suas lágrimas.

Rebecca balançou a cabeça e suspirou. Ela se sentiu amada de verdade naquele dia. No quarto, a atriz se levantou, andando de um lado para o outro naquele assoalho que rangia. Aquela lembrança era tão divergente das mais recentes, quando Jack estava sob a influência da droga, incoerente e agressivo. Não foi a primeira vez que desejou, de todo o coração, que fossem apenas o Sr. e a Sra. Comum, como foram naquele fim de semana, agasalhados contra o frio e anônimos. Apenas um homem e uma mulher, apaixonados.

Mas as coisas não eram assim, e ela sabia que era inútil esperar que fossem.

Deixando esses pensamentos de lado, Rebecca percebeu que tinha menos de uma hora para encontrar seu coadjuvante para o jantar.

